

ECOALFABETIZAÇÃO E PERMACULTURA

Base Conceitual e Operacional para a Educação Ambiental do Século 21

Por Filipe Freitas

Contexto

Este artigo começa a ser escrito sob a forte influência das declarações de James Lovelock, o sistematizador da Teoria de Gaia, cientista de largo alcance e de grande influência na atualidade. Ele é um dos responsáveis pela compreensão científica da Terra como um grandioso sistema auto-organizador, um ser planetário vivo capaz de regular seu clima e sua composição química e, por conseguinte, manter condições favoráveis para a vida.

Lovelock afirmou recentemente que o efeito estufa chegou a um ponto sem retorno e bilhões de pessoas morrerão neste século. Aos oitenta e seis anos de idade, este químico inglês parece se comportar como um médico que tem que revelar ao paciente que a biópsia identificou um tumor agressivo em metástase. Segundo sua análise, a civilização humana e sua perspectiva cultural tornada insaciável agem como uma moléstia, um tecido patológico no planeta, e em pouco tempo provocarão uma febre mórbida que pode durar cem mil anos.

O que James Lovelock e, aparentemente, o inconsciente coletivo da sociedade parecem sugerir é que não teremos tempo de interromper a devastação de ecossistemas fundamentais para a manutenção do equilíbrio do sistema planetário. A derrocada dos elos de realimentação que sustentam a vida é iminente.

Este artigo, portanto, surge neste contexto inquietante, desafiando, em certa medida, as previsões de Lovelock. A essência das idéias que aqui emergirão é a afirmação de que a criatividade humana já desenvolveu a base conceitual e as ferramentas necessárias para a cura da enfermidade e o surgimento de um novo patamar civilizatório caracterizado por sustentabilidade e integração ecológica. A superação desta crise em escala global deverá advir de processos educativos amparados por redes eletrônicas de comunicação.

É sabido, contudo, que os processos educativos têm lenta penetração no âmago do comportamento das pessoas. E, diante desse aspecto, talvez precisemos nos preparar para vivenciar colapsos das estruturas existentes, trazendo à tona a necessidade de construção de espaços comunitários capazes de nos acolher e nos proteger de ondas de choque que possivelmente poderão nos encobrir.

Uma metáfora adequada para o atual momento histórico é o processo de tratamento de um câncer. Para a superação da doença, um corpo humano costuma vivenciar momentos muito difíceis nos quais as terapias buscam eliminar as células cancerosas, em geral células fracas e confusas.

Se observarmos a realidade sob a ótica de um planeta vivo, o que se passa no âmbito econômico e ecológico global apresenta semelhanças notáveis. Podemos nos encaminhar para um processo de restabelecimento da saúde reconhecendo emocionalmente a moléstia e promovendo ações efetivas de mudança em nosso comportamento e nas estruturas produtivas da sociedade. Todavia deveremos preparar nossos corações e mentes para momentos de dificuldade generalizada inerentes aos processos de cura.

O quanto antes desenvolvermos a reorganização das idéias e atitudes em âmbito pessoal e comunitário, mais aptos estaremos para superar esse desafio geofisiológico. Esta é a sublime missão da educação e, felizmente, já temos um arcabouço conceitual, metodológico e operacional para nos amparar neste processo de transcendência em múltiplas escalas.

As últimas décadas foram marcadas por uma efervescência intelectual sem precedentes na história da cultura humana. Enquanto víamos a exacerbação dos impulsos destrutivos de nossa espécie, constatávamos também o fortalecimento das redes criativas em seus esforços de transformação cultural, assistindo ao surgimento de diversas linhas de pensamento que convergem entre si na busca por novos padrões de sinergia e cooperação.

Este artigo destaca, no vasto universo de descobertas das últimas décadas, o estabelecimento do pensamento ecológico como base conceitual para a nova cultura planetária e o advento da Permacultura como sistema de planejamento e ocupação do espaço terrestre. Juntas, essas duas linhas de percepção podem trazer alicerces firmes para a educação ambiental no Século 21, promovendo simultaneamente a sustentação filosófica e os modelos práticos de ação efetiva junto às comunidades.

Alfabetização Ecológica

A ecologia – palavra que deriva do grego *oikos* (“lar”), é o estudo das relações que interligam todos os membros do “Lar Terra”. Desde o seu surgimento em 1866, através do biólogo alemão Ernst Haeckel, a ecologia tem utilizado uma linguagem essencialmente biológica para definir os princípios organizadores das relações vivas no ambiente terrestre.

Ao longo do Século 20, estes princípios organizadores foram identificados e passaram a servir de referência para a constituição do conceito de sustentabilidade. Afinal, o fenômeno da vida na Terra tem pelo menos três bilhões de anos de existência ininterrupta, caracterizada pela crescente complexidade e pelas condições favoráveis para o desdobramento evolutivo.

Se focarmos nossa atenção no comportamento da sociedade, vamos constatar que estes princípios que promovem a sustentabilidade no âmbito dos ecossistemas não são observados no contexto cultural da humanidade. Vejamos estes princípios:

1. Interdependência – O sucesso de uma comunidade depende do sucesso de cada um de seus membros e o sucesso de cada um dos membros depende do sucesso da comunidade como um todo.

Enquanto as comunidades ecológicas se desenvolvem a partir de um senso de interligação essencial entre seus membros, a cultura humana privilegia uma pequena parte às custas do equilíbrio e da satisfação de necessidades da grande maioria.

2. Ciclos – A natureza recicla tudo, considerando todo resíduo como recurso.

Enquanto as comunidades ecológicas estabelecem ciclos nos quais o resíduo de uma espécie é alimento de outra e, desse modo, os ecossistemas permanecem livres de lixo e rejeito, as comunidades humanas alimentam uma ilusória crença de um crescimento ilimitado às custas dos recursos da Terra, extraindo-os, transformando-os e descartando-os sem que haja um olhar cuidadoso para trazer estes recursos de volta aos ciclos produtivos.

3. Parceria – A natureza recompensa a cooperação. A aliança é uma característica essencial das comunidades sustentáveis.

Enquanto nos ecossistemas maduros as trocas de energia e recursos materiais são sustentadas por uma cooperação generalizada e arranjos intrincados de coevolução, nas comunidades humanas se desenvolveram uma visão econômica que reforça a competição e a dominação e uma visão cultural focada numa suposta escassez estrutural que dá poder aos que têm recursos e fragiliza quem não os tem.

4. Diversidade – A natureza confia na complexidade e valoriza as diferenças.

Enquanto as comunidades ecológicas tornam-se estáveis e recuperam-se dos desequilíbrios por meio da diversidade de suas relações, identificando as perspectivas diferentes como riqueza e vigor do sistema, nas comunidades humanas há uma forte tendência à eliminação da diversidade e uma homogeneização biológica e cultural, com a coexistência de perspectivas diferentes gerando atrito e preconceito.

5. Flexibilidade e Equilíbrio Dinâmico – A natureza inibe os excessos, transformando-se constantemente para conservar sua essência adaptativa e criativa.

Enquanto a natureza está em constante processo de transformação, com os elementos se formando e se desintegrando, se organizando e se dissipando em uma constante dança de nutrientes, a humanidade mantém uma postura cultural de rigidez e apego às antigas estruturas, reforçando práticas nocivas e resistindo às mudanças.

É provável que a não observância desses princípios seja uma das causas essenciais de estarmos destruindo o ambiente do qual dependemos. Como diz o físico Fritjof Capra, “a sobrevivência da humanidade dependerá de nossa alfabetização ecológica, da nossa capacidade de entender esses princípios da ecologia e viver em conformidade com eles”.¹

Nos últimos vinte anos, Capra e seus colaboradores, inspirados nestes princípios organizadores, conceberam uma metodologia pedagógica holística, referenciada pelos avanços da ciência e pelas sabedorias ancestrais da humanidade, intitulando-a ecoalfabetização. Baseada no contato emocional com a terra e no desenvolvimento de projetos, a ecoalfabetização busca difundir o pensamento ecológico nas escolas, empresas, instituições públicas e privadas, em qualquer coletividade humana.

Permacultura

Nesse ínterim, na Austrália, os ecologistas Bill Mollison e David Holmgreen concebiam um inovador sistema de planejamento e criação de habitats humanos cujas premissas são: respeito à Terra, respeito às pessoas e compartilhamento dos excedentes produzidos. Compartilhar excedentes significa que, após se suprir as necessidades básicas e projetado o sistema da melhor forma possível, pode-se expandir as influências e energias para auxiliar outros sistemas no alcance desses objetivos.

Em seu trabalho de sistematização, Mollison e Holmgreen se basearam na sabedoria da natureza e incorporaram os princípios ecológicos de forma a proporcionar um padrão de ocupação humana que trouxesse harmonia e senso de colaboração na relação humano-meio ambiente.

Nascia a Permacultura, palavra criada a partir da fusão de “permanent” (permanente) e “agriculture” (agricultura). Inicialmente focada nos processos de suficiência alimentar, com o tempo e a evolução do conceito, a permacultura veio se tornando cada vez mais ampla, abrangendo processos relacionados à arquitetura, eficiência energética, economia associativa, tecnologias, constituindo-se em um sistema sócio-ambiental de grande alcance.

Bill Mollison deixa clara a essência filosófica da Permacultura quando sustenta que qualquer trabalho deve ser realizado com (e não contra) a natureza. E vai mais além:

“Acredito que a harmonia com a natureza é possível somente se abandonarmos a idéia de superioridade sobre o mundo natural. Levi Strauss disse que o nosso erro mais profundo é o de sempre julgarmo-nos ‘mestres da criação’, no sentido de estarmos acima dela. Não somos superiores a outras formas de vida; todas as criaturas vivas são uma expressão de **Vida**. Se pudéssemos ver essa verdade, poderíamos entender que tudo que fazemos a outras formas de vida, fazemos a

nós mesmos. Aquela cultura que compreende isso, jamais, salvo necessidade absoluta, destruirá qualquer ser vivo.”²

Atualmente, a permacultura está em todos os continentes e sua expansão é muito consistente. A proeza de Bill Mollison e David Holmgreen foi englobar os princípios da ecologia e dispô-los em torno de um método coerente e eficaz de desenvolvimento prático de sistemas produtivos. Podemos identificar nos projetos permaculturais todos os princípios de ecologia fomentados na ecoalfabetização – interdependência, ciclos, parceria, diversidade, flexibilidade e equilíbrio dinâmico.

Desta forma, a ecologia sustenta a permacultura e a permacultura operacionaliza o pensamento ecológico no cotidiano. É um círculo virtuoso abrangente, que traz consigo as sementes de um novo padrão comunitário caracterizado pela abundância.

Conclusão

Este artigo sustenta que a ecoalfabetização e a permacultura, quando incorporadas à educação ambiental, tanto na esfera formal das redes de ensino, como também nas intervenções informais em bairros, empresas e outras instituições, tornam-se um corpo de conceitos e práticas capazes de potencializar e efetivar a mudança de comportamento dos indivíduos e comunidades.

Não precisaremos criar uma nova cultura a partir do zero. Temos a natureza como modelo, como mentora e como medida. Não vai nos adiantar somente apontar o que está errado. É fundamental que mostremos um caminho que pode dar certo. A força das idéias da ecoalfabetização aliada à força das soluções da permacultura talvez traga a esperança de volta aos corações da gente comum.

E esperança, como diz Vaclav Ravel, ex-presidente da República Tcheca, não é a convicção de que as coisas vão dar certo, mas a certeza de que as coisas têm sentido, como quer que venham a terminar.

Ser educador ambiental é, provavelmente, uma das tarefas mais difíceis da atualidade. Estamos sempre nadando contra a correnteza e nos deparando com a inércia e desamparo das pessoas em relação às suas próprias vidas e o futuro da Terra.

Por isso precisamos de alicerces simples, sólidos e convincentes para que possamos entender nosso papel de jardineiros do planeta e utilizar nossos dons não para nós mesmos, mas para toda a comunidade do ser planetário vivo.

Como podemos identificar em toda a história da vida na Terra, enquanto houver células se auto-organizando, há possibilidade de saltos evolutivos imprevisíveis, tão inesperados que nenhuma antevisão, nem mesmo a de um cientista como James Lovelock, será capaz de deter. Crer para ver.

Notas

1. Ver Capra (1996), pág. 235
2. Ver Mollison (1991), pág. 13

Bibliografia

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002

LEGAN, Lucia. **A Escola Sustentável – Ecoalfabetizando pelo Ambiente**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Pirenópolis – GO: IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, 2004

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Folha de São Paulo, 22 de janeiro de 2006. Referência eletrônica: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2201200601.htm>

MARGULIS, Lynn e SAGAN, Dorion. **O Que É Vida?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

MOLLISON, Bill. **Introdução à Permacultura**. Tyalgum (Austrália): Tagari Publications, 1994